

CEDI - P. I. B.
DATA 03, 11, 86
COD PAD 03

Relatório Pataxó (baseado na ficha-padrão do Levantamento  
sobre a Situação Atual das Populações  
Indígenas do Brasil)

Equipe Responsável

José Augusto Laranjeiras Sampaio - estudante graduação (An-  
tropologia \_ FFCH-UFBa)

Marta Cardoso Rodrigues - estudante graduação (An-  
tropologia \_ FFCH-UFBa)

Ma. Rosário Carvalho - Coordenação Geral

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPT. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFBA

Agosto, 1980

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FECH-UFBA.

I- NOME DO GRUPO

1- Pataxó

2- Barra Velha - o grupo Pataxó reconhece em Barra Velha a sua aldeia, o lugar onde estão enterrados os mortos, onde todos nasceram e foram criados. Pressões desenvolvidas face a disputa com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), instituição ao qual está jurisdicionado o Parque Nacional de Monte Pascoal que abrange a aldeia de Barra Velha, têm provocado dispersão, podendo-se hoje considerar mais três núcleos de assentamento da população Pataxó: Coroa Vermelha, Embiriba e Pé-da-Pedra.

3- Sem denominações outras.

II- LÍNGUA

1- Português

5- —

6- regional fluente

7- todo o grupo fala o português regional fluente, utilizando-se apenas de palavras isoladas de uma língua tomada de empréstimo aos Maxakali. Trata-se de um conjunto de mais de uma centena de palavras. Agostinho (1974) levantou um vocabulário com um total de 120 formas, todas elas substantivos e adjetivos.

8- Embora tratando-se de língua Maxakali, o grupo reconhece-a como a sua língua original.

9- Português com as formas acima referidas.

III- LOCALIZAÇÃO

10- Porto Seguro - Bahia

11- O Parque Nacional de Monte Pascoal reconhecido pelo grupo como o seu território, limita-se ao Norte pelos rios Caraíva e seu afluente Cemitério, ao sul pelo rio Corumbáu, a Leste pela costa atlântica entre a embocadura do Caraíva e Corumbáu, e a Oeste por uma linha seca ligando as nascentes do Cemitério e do Corumbáu.

A aldeia de Barra Velha localiza-se no Noroeste do Parque a aproximadamente 1 km da costa. A Coroa Vermelha fica junto à costa aproximadamente 17 km a Norte de Porto Seguro, (1)

O Pé-da-Pedra está também incluído na área do P.N. de Monte Pascoal no sopé do referido monte, a cerca de 15 km da BR 101 a qual está ligado por rodovia pavimentada.

12- Barra Velha - Área litrânea com presença de mangues e área interior (do PNMP) com faixa de campo e floresta.

V. p. 1

- (1) Embiriba, na foz do rio dos Frades, está cerca de 40 Km ao norte de Barra Velha e 20 Km ao sul de Porto Seguro, junto ao povoado nacional de "Pé-Sujo".

PROJETO DE PESQUISA POPULAÇÃO INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE ANTRÓPOLOGIA - UFPA/UFES

IV - POPULAÇÃO

13 e 14- Barra Velha: masc. 364

fem. 320

Pé-da-Pedra: 60

Embiriba: 132

Fonte- Carvalho 1977

Estimativas recentes: dados obtidos junto ao PI Pataxó em outubro/79 estimava a população Pataxó alcançada pela ação do P.I. em 1500 pessoas enquanto que o CIMI estima esta mesma população em 1800 indivíduos. No momento o Projeto Pesquisa Populações Indígenas da Bahia não dispõe de dados seguros quanto à população efetivamente localizada dentro dos limites do P.M.M.P. Vale a observação de que no núcleo de Embiriba o incremento demográfico deve ter sido pouco significativo. Para Coroa Vermelha os últimos dados datam de março/80 segundo censo realizado pelo "capitão" do núcleo que afirma ser a população atual composta de 112 indivíduos, em 21 famílias.

15- Sim. Há um considerável contingente disperso, predominantemente concentrado no extremo sul da Bahia, sobretudo no município do Prado, imediatamente a sul do de Porto Seguro.

16- Barra Velha - 1971 - Masc. 143- Fem. 130 (Agostinho et alli. Identidade Étnica e Situação dos Pataxó de Barra Velha).

17- Barra Velha- localizada entre a falésia morta e a lagoa, a aldeia de Barra Velha apresentava em 1976 uma rua principal ladeada por dois alinhamentos paralelos no sentido NNE-SSW que continham 24 casas residenciais, 2 de comércio, uma pequena capela católica, um cemitério e um centro comunitário. As casas são em grande maioria construídas pela técnica do sopapo com as paredes externas geralmente sem reboco ou pintura; dominam a cobertura de palha de palmeira, haviam-nas também de taboinhas e, num caso, de telhas. As modificações introduzidas em período recente não alteraram significativamente o traçado original da aldeia. A noroeste do extremo setentrional da aldeia encontra-se um morro que a nomina e do qual se avista o mar e a restinga; nele se localizam as instalações da FUNAI com construções em alvenaria.

Na Coroa Vermelha existem cerca de 10 a 15 residências que ladeiam uma pequena pista asfáltica que liga a BR 367 ao marco da primeira missa. As construções são do tipo redondo, edificadas pela Prefeitura de Porto Seguro com vistas à exploração turística, têm paredes de tijolos e cobertura de palha de palmeira. As divisões internas,

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BARRA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFPA

definidas pelos próprios índios, seguem o modelo regional.

No Pé-da-Pedra as construções ladeiam o trecho asfáltico que dá acesso ao P.N.M.P. e segue a técnica do sopapo com cobertura em palha de palmeira. Além das residências, há poucos botecos.

Em Embiriba as casas estão irregularmente dispostas em torno da casa-de-farinha que serve como referência central para o núcleo. Ao lado das casas de sopapo existem construções de tijolos.

Observação: Ainda em Barra Velha, sobre a borda da falésia desdobra-se de SE para NW outro arruamento composto por dois alinhamentos de iguais com 17 casas à época (1977). Alguns metros além deste arruamento, para oeste, localiza-se a pista de pouso com extensão de 1200 metros e 40 metros de largura. Do lado oposto da pista orientadas de SW para NE encontram-se mais casas dispersas nas proximidades do riacho que fornece água à aldeia. Passado o córrego, o tabuleiro continua em toda a sua extensão e vai dar às roças localizadas a distâncias variáveis, na proximidade das quais encontram-se as casas-de-farinha e bom número de residências dispersas.

Em todos os núcleos a média de habitantes por casa está em torno de 7.

#### V- TUTELA E ASSISTÊNCIA

18- As instalações do P.I. Pataxó, localizadas conforme referência acima, compõem-se da sede do posto, residência do encarregado-chefe do P.I., alojamento para visitantes (equipe volante de saúde, etc.), residência para professores, escola, enfermaria e ambulatório médico-dentário, e uma construção onde está instalada a cooperativa agrícola. São todas instalações em alvenaria com cobertura de telhas, servidas de luz elétrica fornecida por um gerador movido a óleo diesel e instalação hidráulica.

A sede do posto dispõe de aparelho de rádio-transmissor, e material de escritório; o alojamento tem um refeitório com instalação completa. Na escola existe material escolar indispensável.

A enfermaria dispõe de 6 leitos hospitalares masculinos e 6 leitos femininos, o equipamento médico básico composto de pequenos instrumentos, material de curativo, pequena farmácia etc. O gabinete dentário dispõe de uma cadeira de dentista completa, com todos os instrumentos.

A cooperativa tem um pequeno escritório e uma ampla sala que funciona como depósito e entreposto, com 2 "freezers" que até out/79 não funcionavam.

Na praia, a 2 km da aldeia, há um ancoradouro construído em madei

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFBA

ra para a atracação do barco que serve ao posto. O barco com equipamento suficiente para navegação oceânica e com significativa capacidade de transporte, é movido a óleo diesel.

Out/79. PESSOAL: chefe-de-posto, técnico agrícola, encarregado da cooperativa, um professor, 2 técnicos em enfermagem e o mestre do barco, todos membros da sociedade nacional.

Toda esta infraestrutura que deveria servir de apoio a um projeto de agricultura e pesca encontra-se atualmente sub-utilizada devido a problemas de má administração.

19- Em 1978 a FUNAI através do ASPLAN elaborou um programa de desenvolvimento agrícola comunitário com orçamento previsto de Cr\$ 1.130000,00 para os anos de 1978/79; tal programa foi desmembrado em 7 projetos sub-setoriais: horta-escolar, hortas caseiras, fruticultura, intensificação de cultivos, criação de pequenos animais, produção de compostos orgânicos e produção de farinha. Este projeto desde o seu início tem sido mal sucedido em razão justamente de falta de acompanhamento sistemático e descontinuidade administrativa. Na sua implantação até o momento presente os seus efeitos têm sido insignificantes, não tendo havido por parte do grupo indígena maior envolvimento e participação, em que pese todas as expectativas neste sentido. Na verdade a sua presença fez-se apenas sentir a nível das edificações construídas e dos novos técnicos contratados.

20- Encontra-se em fase final de elaboração um projeto de educação para o grupo, sob a responsabilidade Projeto Pesquisa Populações Indígenas da Bahia.

21 e 22- Não existe uma assistência permanente de religiosos na área. Com alguma regularidade vai um padre capuchinho de Eunápolis (cidade-povoado da região a 60 km de Porto Seguro), visita os núcleos realizando missas em ocasiões festivas quando recebe batizados e casamentos. Além da atividade religiosa serve como importante intermediário para assistência médica.

23- Projeto Pesquisa Populações Indígenas da Bahia e ANAI-BA.

## VI- EDUCAÇÃO

24- A FUNAI mantém uma escola em Barra Velha, com capacidade para 80 alunos e que funciona em dois turnos (matutino e vespertino). Apenas a população indígena frequenta a escola. As instalações físicas são adequadas, os maiores problemas de funcionamento podem ser atribuídos à falta de um plano de educação que sirva como orientador para os professores, permitindo a participação de todo o grupo indígena. Na Coroa

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BARRA  
DEPT. ANTROPOLOGIA - FECH-UEG.

Vermelha e no Pé-da-Pedra a população não frequenta escola. Em Embiriba não existe escola e as crianças em idade escolar geralmente aprendem a ler e escrever com uma pessoa alfabetizada do local, ou estudam em Pé Sujo.

26- Não. Só frequentam a escola da FUNAI.

27- a; Um professor com nível médio de escolaridade ( curso normal);

b. Vespertino e matutino - funcionamento regular ( acompanhado o calendário das escolas da sociedade nacional);

c. O ensino monolíngue

d. Alfabetização. A escola mantém apenas cursos de alfabetização infantil.

VII- SAÚDE

28- Não existe pajé ou feiticeiro na aldeia, as pessoas mais velhas são aquelas que possuem maior conhecimento sobre práticas médicas, havendo em determinados casos grande domínio da farmacopéia local. Entre estas pessoas mais velhas, uma particularmente (homem), é considerada profunda conhecedora e dotada de grande poder.

Nos últimos anos, após certos eventos traumáticos para o grupo ( incêndios, naufrágios), têm ocorrido casos frequentes de manifestação de "encantados", que causam grande perturbação, provocando marginalização das pessoas que os "recebem", bem como aturdimento de todo o grupo que confessa não ter aprendido dos "antigos" a prática de dominação de "encantados".

29- Apenas a aldeia do Barra Velha dispõe de assistência médico-sanitária regular, com a presença permanente de dois técnicos de enfermagem. A cada três meses a aldeia recebe visita da equipe volante de saúde. Os casos de maior gravidade são tratados através do FUNRURAL.

30- A medicina nacional detém grande prestígio, ainda que o grupo mantenha algumas das suas práticas médicas, não ocorrendo pois, qualquer tipo de contradição entre elas.

31- As vacinas aplicadas pela FUNAI são Sabin, Tríplice, Anatox Tetânica, Anotox Gestantes, BCG, e Sarampo.

32- Sim, existe registro das vacinações no posto. Existem fichas médicas individuais, não se tendo conhecimento do modelo das fichas.

33- Inexistência de dados atuais.

34- Inexistência de dados atuais.

35- Inexistência de dados atuais.

36- Inexistência de dados atuais.

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFBA

37- Inexistência de dados atuais.

38- Inexistência de dados atuais.

39- Inexistência de dados atuais.

VIII- SITUAÇÃO da TERRA

40- Fazem parte da área efetivamente ocupada pelo grupo dentro do P.N.M.P. os ecossistemas marítimo, fluvial, do brejo e do mangue, da restinga, do campo e da floresta. O espaço agrícola é o único economicamente individualizado, ocupado em pequenas parcelas pelos produtores. Localizado a oeste da aldeia, daí em diante instala-se a floresta primária de forma contínua até o limite ocidental do P.N.M.P. Os dois principais locais de concentração das roças ficam respectivamente a 5 e 6 Km da aldeia em linha reta, enquanto o limite máximo de penetração e ocupação agrícola atingia em 1976, 15 Km. As unidades agrícolas são organizadas em terrenos de capoeira, capoeira-mata ou mata que margeiam os campos, acompanhando os vales dos rios acima referidos. A área potencialmente agricultável dentro dos limites de penetração à época era de 2535 Ha.

O mangue ocupa uma área de 240 Ha, representando 4,40 % do espaço economicamente utilizável. Os demais ecossistemas são utilizados de forma extensiva.

41- Sendo a área ocupada pelos índios localizada nos limites do P.N.M.P. (criado em 29.11.1961), a ocupação de parte da área pelo grupo Pataxó foi definida através de um acordo quando se estabeleceu que o grupo se limitaria à utilização das capoeiras, não penetrando na floresta primária. Tal acordo tem sido, ao longo do tempo, parcialmente rompido face ao baixo potencial econômico da área "permitida" ao grupo explorar. Mais recentemente, em julho de 1980, a FUNAI e o IBDF concordaram em destinar ao grupo uma área de 8.000 Ha, em acordo assinado a 31.07.1980.

42- Dados obtidos em fontes diferentes parecem permitir concluir pela existência de vários bandos Pataxó que teriam sido alcançados pela sociedade regional em épocas históricas diferentes. Tais bandos viveriam entre quatro limites espaciais básicos, a saber: entre os rios de Contas e Pardo (Pataxó Setentrionais), e entre os rios João de Tiba e São Mateus (Pataxó Meridionais). Estes últimos teriam sido os primeiros a estabelecer relações com a sociedade nacional, embora tal



devesse ter ocorrido na mesma época para todos os bandos. Devido a certa indefinição das fontes históricas, conquanto se possa afirmar que já em fins do século XVIII (1876) houvesse índios em contato intermitente na área, a época mais provável, porque explícita, dos primeiros contatos dos Pataxó com nacionais ter-se-ia iniciado no começo do século passado. Importante também é levar em conta a existência na mesma região de bandos de etnias variadas, conforme pode-se concluir do fato de que por aí transitavam "capuchos, cumachos, machacalis e panhamis" que costumavam estabelecer aliança para resistir aos botocudos (Carvalho apud Wied-Neuwied 1958). A vila do Prado deve ter funcionado como ponto de atração para estas várias etnias, o que indica inclusive a grande afinidade entre elas e, principalmente, entre Pataxó e Maxakali, como observa o príncipe de Wied-Neuwied.

Datam de 1861 as referências seguras a um aldeamento no sítio onde hoje está localizada Barra Velha quando o Presidente da Província alude a informações pedidas ao Diretor Geral de Índios "para deliberar sobre a criação de uma Aldeia no rio - Corumbão - na vila do Prado" (Carvalho apud Pinto 1961), informações estas que são positivas. Diante disto, pode-se aceitar ter ocorrido a transferência de "centenas de famílias" (cf. Pinto 1961), do Prado para o Corumbau, ou melhor dizendo, para o local onde está localizada hoje a aldeia de Barra Velha.

43 - O grupo indígena denominado Pataxó em sua maior parte está fixado na aldeia de Barra Velha, nos limites do P.N.M.P. Como já colocado, o acordo celebrado entre FUNAI e IBDF destinou 8 000 Ha da área total do Parque para o grupo indígena, o que não corresponde à extensão do território reivindicado pelos Pataxó.

44 - As tensões entre índios e nacionais chegam a conhecimento público após a criação e fixação dos limites do P.N.M.P., quando passam a ocorrer mais ou menos sistematicamente confrontos envolvendo os índios e a guarda do Parque que impedia o exercício da agricultura e a extração da piaçava, esta última atividade indispensável à manutenção das relações de mercado, vendo-se os índios obrigados a exercerem-na às escondidas e a buscarem na coleta de moluscos e crustáceos no mangue aquele mínimo necessário à sua sobrevivência. Um acordo primeiro estabelecido entre FUNAI e IBDF em 1971 ou 1972, previa a utilização pelo grupo de uma faixa sobre o tabuleiro de aproximadamente 10 Km a partir da costa, garantindo portanto a não utilização pelos índios da área de floresta. Tal medida serviu como atenuante para os conflitos.

45 - 46 - O extrativismo vegetal (madeira) é largamente exercido em todo o extremo sul da Bahia e tem implicado num avanço crescente sobre

áreas com grande potencial econômico extrativo ; ao lado disto, tem ocorrido com alguma regularidade, e particularmente em áreas adjacentes à dos Pataxó, pressões sobre pequenos agricultores para a venda de suas terras, pressões essas efetuadas por companhias ligadas ao plantio de eucaliptos. Tal avanço tem provocado repercussões negativas sobre o grupo indígena face à ameaça representada por um grande contingente de lavradores que podem se transformar em lavradores sem terras.

**Pecuária** - Há cerca de oito anos foi iniciado um grande projeto ao norte do P.N.M.P., numa área imediatamente próxima ao povoado de Itaquena, para criação de búfalos e também plantação de arroz. Tal projeto provocou há algum tempo (não dispomos de dados atualizados) atritos entre seus responsáveis e moradores (índios e nacionais) do núcleo de Embiriba por questões ligadas a supostas invasões de terras por parte dos primeiros e controle da fonte de água que serve ao núcleo.

Os Pataxó localizados na "Coroa Vermelha" têm constantemente enfrentado ameaças de deslocamento por parte da Marinha que se baseia no fato de ser o povoamento localizado em faixa costeira imediatamente adjacente à praia. Mais recentemente, pressões têm sido exercidas por empresas particulares interessadas na exploração econômica do turismo, visando obter terras para loteamento.

47- Estando a aldeia de Barra Velha localizada entre os povoados costeiros de Caraiva (N) e Corumbau (S), mantêm os índios com estes povoados contatos regulares que envolvem desde trabalhos conjuntos orientados para a pesca (menos frequentes), utilização, ainda que pouco intensa, do comércio destes povoados, até utilização pelos regionais do atendimento médico-farmacêutico do P.Q.

A mobilidade Pataxó ao longo da costa para o sul atinge até a vila de Cumuruxatiba onde residem, segundo informações, parentes em número razoável. Para o norte, também ao longo da costa, a comunicação com diversos núcleos tem lugar nos locais de passagem necessários para atingir Porto Seguro, nos casos em que os Pataxó preferem não utilizar a trilha interior aos limites do Parque e a BR-101.

As cidades de Porto Seguro e Itamaraju são procuradas respectivamente para comércio de artesanato e assistência médica, utilização do comércio e transporte rodoviário para fora da região. Muito esporadicamente, procuram também o grande povoado de Eunápolis, na BR 101, para assistência médica mais especializada.

As fazendas localizadas em áreas do município de Porto Seguro e do município de Itamaraju são procuradas com vistas ao trabalho assalariado que nos últimos anos tem sido progressivamente substituído pelo comércio de artesanato.

48 - Conforme observações anteriores, os índios Pataxó reconhecem

apenas como "aldeia", por ser o local original, o núcleo de Barra Velha, reconhecimento este que é formalizado pela FUNAI que aí mantém o PI Pataxó. No entanto, aqueles residentes em Embiriba, na Coroa Vermelha e no "Pé-da-Pedra" são considerados membros do grupo indígena Pataxó. As relações entre os quatro núcleos são frequentes, funcionando Barra Velha como ponto central. Diversos acontecimentos já apontados provocaram a dispersão do grupo, inclusive para fora da região. Os contatos, embora irregulares, das pessoas que se encontram dispersas com aqueles localizados na região de origem se dão por ocasião de visitas e festas religiosas regionais. Os locais de maior concentração de índios fora da área de origem são as cidades de Prado e Itamaraju, a Fazenda Guarani no município de Carmésia - MG, e Salvador.

49. Os grupos indígenas cultural e socialmente mais próximos dos Pataxó são respectivamente os Maxakali e os índios do antigo posto Caramuru-Paraguassu que se auto-identificam como Caramuru ou Hãhãhã. Com alguns destes últimos, residentes em Barra Velha, realizam-se casamentos e trocas econômicas regulares, não havendo porém contatos com os ainda residentes na área do antigo posto, em Itaju do Colônia. Com os Maxakali, em face, ao que supomos, da grande afinidade cultural e proximidade geográfica, têm ocorrido visitas e registros de empréstimos linguísticos, empréstimos esses obtidos por ocasião das visitas dos Pataxó aos Maxakali. No ano de 1975 chegou a Barra Velha uma família Guarani composta de oito membros (pai, mãe e seus filhos (2 H e 4 F), procedente de fazendas no estado de Minas Gerais e original de Lagoa Rica, na fronteira com o Paraguai que escolhera aquele local (Barra Velha) devido a informações obtidas em M. Gerais que o davam como "sadio".

Anteriormente já houvera casos de visitas e deslocamentos compulsórios de pataxós para a Fazenda Guarani, e mais recentemente têm havido registros de visitas aos Guarani e Tupinikin de Caieiras Velhas -ES.

#### IX- SUBSISTÊNCIA

50- 1. agricultura 2. coleta (vegetal e animal, principalmente esta última) 3. pesca 4. extração vegetal 5. produção artesanal 6. atividades de comércio 7. caça.

51- Mandioca, Cana-de-açúcar, Banana, Abacaxi, Milho, Arroz, Abóbora Feijão, Melancia, Batata-doce,

Criação doméstica: animais de carga, galinhas e porcos.

52 - Pesca Marítima - Distinguem-se uma pesca de verão e outra de inverno, a primeira realizada nos recifes próximos, cujas espécies principais são Samucanga, Pescada e Bagre, e a segunda realizada nos recifes mais afastados, as espécies principais sendo definidas genericamente

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BARRA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFPA

como "Peixe-pedra", "peixe que come mais fora", distinguindo-se dos peixes de verão, "peixes de lama". As espécies mais comuns são: Ariacó, Binquara, Guaricema, Melro, Canapu, Guaiuba, Sargo e Cação. No inverno ocorre também a pesca de tartaruga, distinguindo-se a Tartaruga-branca, a Tartaruga-preta, a Jabuti e a Tartaruga-de-pente, sendo mais comum as brancas e as pretas que, ao contrário da última, são comestíveis.

Pesca de rio, lagoa e mangue: Na lagoa localizada frente à aldeia de Barra Velha tem lugar a pesca de trairas. Nos rios e mangue pesca-se Robalo, Baiacu e Vermelho.

53 - Coleta animal - No mangue: caranguejo, siris, ostras, conchas, guaiamus, aratus e búzios. Nos recifes fronteiros à praia: ouriço, polvos e lagostins.

Coleta Vegetal: mangaba (fruto comestível cuja coleta é realizada na restinga e no campo), caju (campo), coco-xandó (coquilhos comestíveis, restinga), murta (pequeno fruto comestível, restinga), "armesca" (fruto resinoso, campo e mata), "guaru" (coqueiro do campo, comestível e com valor medicinal), "goti" (fruto comestível e de valor medicinal, mata), "cardo" (arbusto de restinga, fruto comestível), buri (palmeira com frutos comestíveis e madeira utilizada na confecção de arcos, mata), jabuticaba (fruto comestível de valor medicinal, mata), araçá (fruto comestível, mata), piqui (fruto comestível e madeira utilizada na confecção de canoas, mata), ingá (fruto comestível, margens dos rios), jatobá (fruto comestível e casca para fins medicinais, mata) e piaçava (coquilhos comestíveis, campos e capoeiras).

53 A - Extrativismo vegetal: piaçava (fibra) e madeiras existentes nas áreas de mata.

54 - A caça é uma atividade econômica suplementar e eventualmente praticada, em que pese a proibição da guarda do P.N.M.P. Caça de mamíferos de pequeno e médio porte, principalmente paca, cotia, capivara e tatu, e pássaros de pequeno porte.

55 - Artesanato: Arcos, flechas, lanças, cocaras, cintos, samburás, tangas e outros objetos de madeira (gamelas, pilões e panelas), colares, esteras e chapéus.

55 A - Comércio: de produtos industrializados.

56 - O espaço agrícola localiza-se a Oeste da aldeia, organizando-se no sentido E-W, acompanhando as barrancas dos vales dos rios Caraiva e Corumbau. Compõe-se de trechos descontínuos de campo que se interpenetram com "grotas" de mata até um máximo de quase 10 Km a Oeste da aldeia.

A agricultura é feita de forma combinada na sequência descrita acima. O terreno varia conforme o vegetal a ser cultivado; feijão e milho, na capoeira fina; batata, nas baixadas, terra arenosa; mandioca, tanto na ca\_

capoeira, quanto na mata grossa, apenas observando-se a exigência de não se plantada em terra seca; os outros cultivos podem ser plantados em qualquer tipo de terreno, sem maiores exigências.

A unidade social de produção agrícola coincide em seus limites com os da força-de-trabalho do grupo doméstico, sendo cada unidade auto-suficiente. Os grupos domésticos consistem basicamente de famílias nucleares, cada unidade compondo-se em média de seis membros incluído o chefe de grupo doméstico, dos quais cinco já são normalmente mão-de-obra ativa. As limitações de ordem tecnológica, além de outras, implicam numa divisão de trabalho pouco rígida, havendo em princípio para todos a responsabilidade de preencher as necessidades calóricas diárias, caracterizando-se as atividades que exigem maior dispêndio de energia — roçagem e derruba — como atividades mais propriamente masculinas.

Planta-se inicialmente toda a mandioca e nos intervalos os outros vegetais cultivados. A época do plantio acompanha as fases lunares e a colheita é feita gradualmente, atendo-se às necessidades de consumo e, ou, excepcionalmente venda, bem como o período de resistência e conservação de cada vegetal na terra. Nos quintais são plantados coqueiros e dendezeiros, importantes enquanto cultivos permanentes.

A mandioca é processada nas "farinheiras" ou "casas de farinha" que em pequeno número na aldeia, tendem a ser utilizadas por toda a população num sistema de rolízio, ainda que se constituam em propriedade de particulares.

As atividades cuja realização depende de maior soma de força-de-trabalho costumam apoiar-se em formas de cooperação social sob a modalidade de "rela" (ou "adjunto") e "batalhão", que se distinguem conforme o número de pessoas que se reúnem para a sua realização.

A falta de condições para armazenamento acrescenta-se também a de transportar os produtos além das povoações imediatamente próximas à aldeia, mesmo nesse caso não havendo frequência regular, sendo a farinha basicamente o único produto comercializado externamente ao grupo. Internamente, a circulação se faz sob a forma de trocas não monetárias.

A criação preenche funções específicas, a saber; transporte e fonte de alimentação em períodos críticos (galinhas) e fonte de acumulação (porcos) cujo abate só ocorre em momentos de grande concentração — festas e batalhões — ou em situações para manutenção da força-de-trabalho ou unidades de produção agrícola — doenças, compra de sementes e de instrumentos de trabalho.

A pesca desempenha papel importante na dieta Pataxó, constituindo atividade complementar à agrícola. Dos 22 (vinte e dois) pescadores entre os chefes de grupos domésticos que foram recenseados em 1975-1976, apenas 8 (oito) tinham na pesca sua única atividade, os demais combinando-a com a

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPT. ANTROPOLOGIA - FFCH-UFBA

agricultura ou artesanato. Ao contrário da unidade social de produção agrícola, a unidade pesqueira não se confunde com o grupo doméstico. É geralmente composta por apenas um membro de cada família, às vezes dois, o chefe do grupo e um seu familiar, aos quais se juntam indivíduos de grupos domésticos diferentes, valendo a observação de que a sua organização não se apoia estritamente em vínculos de parentesco, mas tem antes no domínio da habilidade o requisito fundamental para o recrutamento. A pesca, ao lado do comércio, pode ser considerada como a ocupação que internamente proporciona o fluxo mais regular de transações em dinheiro, o que contudo não elimina a realização de trocas não monetárias. Além da pesca com linha e rede, os pescadores se valem regularmente do envenenamento (veneno do "maui arbusto da restinga). Na pesca de verão as redes utilizadas são a Tainheira e a Caçoeira, enquanto no inverno são usadas esta última e a Arraieira. Nos rios e lagoa pesca-se de linha e com armadilhas, sendo que no mangue ocorre a pesca de Tarrafa com maré alta.

A coleta no mangue é realizada indistintamente por homens, mulheres e crianças, regulando-se a maior ou menor frequência pela necessidade de alimento suplementar à farinha. A ação sobre este subsistema se dá em toda a sua área, havendo porém "pontas" mais procuradas que outras devido à sua abundância e facilidade de coleta. A atividade é regulada pelos ciclos da maré. Além de fonte vital de alimentação, a coleta animal se destina também, ainda que secundária e irregularmente, a trocas externas à aldeia.

A coleta vegetal caracteriza-se como atividade própria de mulheres e crianças, tendo valor alimentar e medicinal, além de se constituir em fonte de matéria prima para o artesanato.

A extração de piaçava, atividade fundamentalmente masculina, constitui importante fator de articulação do grupo com o mercado regional, como fonte para obtenção de produtos industrializados. Apesar do seu papel econômico esta atividade não é considerada compensadora devido ao desgaste físico exigido e aos custos adicionais (transporte) que reduzem o valor de troca para o extrator.

A extração de madeira é feita exclusivamente com vistas à construção de casas e canoas e produção de artesanato em geral.

A caça é geralmente exercida além do raio de ação do grupo por ocasião da extração de piaçava, sob a forma de pequenas expedições. Nestas ocasiões o cão encarrega-se de procurar a caça que é abatida com espingarda. A captura também se faz com o uso de armadilhas.

As relações mais frequentes de mercado são possibilitadas pelo artesanato que se inicia no grupo por volta de 1971, como alternativa ao trabalho

PROJETO PESQUISA POPULAÇÕES INDÍGENAS DA BAHIA  
DEPTO. ANTROPOLOGIA - FECH UFBA

assalariado. Nesta atividade observa-se uma mais precisa divisão social do trabalho, com uma produção artesanal masculina (arcos, flechas, cocares, lanças, cintos, samburás, tangas e outros objetos de madeira), e uma feminina (colares, esteiras e chapéus). Uma vez produzida quantidade razoável de objetos para venda o grupo providencia sua ida para mercado, através do próprio artesão ou de companheiro que pelos objetos se responsabilize. Porto Seguro, Coroa Vermelha e Pé-da-Pedra são os locais mais frequentes de venda, nos últimos anos surgindo Salvador como local alternativo para a venda.

57 - V. item anterior. Observe-se que a figura do intermediário só surge eventualmente no comércio de artesanato quando membros do próprio grupo levam para venda, além dos seus próprios, objetos de outros artesãos, ou naqueles casos em que pataxós já fixados no Pé-da-Pedra ou Coroa Vermelha vêm à aldeia em busca destes objetos.

58 - Sim. Em atividades de produção primária (agrícola); produção secundária (atividades agrícolas suplementares); construção (agro-pecuária, habitacional e viária); transformação (serragem de madeira, alimentação de fôrnalhas, secagem de cacau, moagem de cana); manufaturação (carpintaria, confecção de foguetes); prestação de serviços (atividades domésticas e comerciais). Só eventualmente as mulheres saem para a prática de trabalho assalariado (atividades domésticas) e atualmente a saída de indivíduos em geral se restringe aos Pataxó mais jovens que se sentem atraídos pela possibilidade de acesso à moeda.

A saída ocorre naqueles períodos que não exigem a presença de grande contingente de mão-de-obra nas atividades agrícolas do próprio grupo, ou seja, no período de maturação do plantio. O período de ausência é irregular, embora geralmente fique limitado àquele necessário à acumulação de uma pequena soma em dinheiro que permita a aquisição principalmente de roupas. Dos chefes de grupo doméstico que foram recenseados em 1975 - 1976 houve casos em que o emprego não ultrapassou uma semana, enquanto que outros haviam permanecido na mesma fazenda de 2 até 8 anos. Vale observar-se que períodos tão longos de ausência não mais ocorressem nos últimos 10 anos.

Trabalha-se sempre sob forma assalariada, recebendo-se semanalmente, sendo os salários pagos os mesmos dos trabalhadores nacionais, embora as sinalem os índios que os brancos levam vantagens "porque têm boa carteira, bons documentos e não se sujeitam a certos trabalhos".

Fontes bibliográficas citadas

Agostinho, pedro

1974 "Identificação Étnica dos Pataxó de Barra Velha, Bahia.  
In Memorian António Jorge Dias. Vol.II, Instituto de  
Alta Cultura -- Junta de Investigações Científicas do  
Ultramar. Lisboa P.

Carvalho, Ma.Rosário Gonçalves de

1977

Os Pataxó de Barra Velha, seu subsis  
tema econômico. Salvador, UFBA, 435p.

Pinto, Antonio da Costa

1861

Falla recitada na abertura d'Assem  
blea Legislativa da Bahia pelo Pre  
sidente da Província ... no dia 1º  
de março de 1861. Bahia, Tipographia  
de Antonio Olavo de França Guerra.

Wied-Neuwied, Maximiliano

1958

Viagem ao Brasil. S.Paulo, Cia.Ed.Na  
cional.